

AS MANIFESTAÇÕES DO HÍBRIDO NA LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA DO SÉCULO XXI

Aline Amsberg de Almeida
alineamsberg@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4170894125749939>

A ficção científica hoje, após a *New Wave* e com o *cyberpunk* dando seus últimos suspiros, apresenta temas e modelos que, embora tenham novas configurações e sejam constantemente atualizados para manter o ritmo das mudanças sociais, científicas e tecnológicas, não são novidade dentro da FC nem do campo das artes. Dentro da literatura, os formatos de romance e novela ainda são primordiais, incluindo nas histórias episódios aventurecos e dilemas em torno de questões morais; as *space operas* continuam a proliferar nas viagens extraordinárias através da infinitude do universo; a figura do alienígena persiste mostrando-se em versões benéficas ou malignas da subjetividade humana; os robôs (androides) seguem buscando provar a existência de sua alma e os computadores, mostrando que são seres inteligentes, ambos procudando seu lugar na hierarquia criador/criatura; as viagens no tempo não deixaram a fantasia do cinema e da literatura; e o ciborgue continua a marcar a fusão entre o homem e suas criações tecnológicas, alterando constantemente a visão do homem sobre si mesmo.

Neste artigo, as obras *Mindscan* (Robert J. Sawyer, 2005), *The Accord* (Keith Brooke, 2009), *O Homem-máquina* (Max Barry, 2011) e *The Silicon Mind* (Manikarnika Lagu, 2008), todas publicadas após a *New Wave*, fornecem material para pensar esse ciborgue que, redefinindo as bases e fronteiras do humano, altera sua condição dentro da realidade social e ficcional, principalmente servindo como território onde pulsam as questões que nunca deixaram de atormentar o homem tecnológico. Por ser uma forma de arte, a literatura tem a vantagem de criar um espaço onde a ciência pode escapar de suas próprias beiradas sem perder em credibilidade, permitindo-se usar esse território para a desterritorialização e reterritorialização (nos termos de Deleuze e Guattari) de suas bases fixas e mostrar que o humano é constituído muito menos de certezas e do que de dúvidas.

Pretendo aqui elaborar a questão do híbrido no que concerne à realidade social e às obras literárias deste *corpus*, na esteira das ideias de Hugo Gernsback, Martin

Heidegger, Bernard Andrieu e Donna Haraway. Posteriormente, pretendo pontuar algumas manifestações desse híbrido na literatura de FC citada acima, em análises breves de cenas ou falas onde ele aparece, no intuito não de colocá-lo como novidade dentro do modo “ficção científica”, mas de mostrar como após a *New Wave* e com o avanço tecnológico que abraça o início do século XXI, a FC extrapola as possibilidades desse híbrido e encontra no corpo um lugar privilegiado para a exploração e o questionamento de um novo homem.

No primeiro editorial da revista *Amazing Stories*, Gernsback anuncia:

Por “scientifiction” quero dizer [...] um romance intercalado com fatos científicos e visão profética [...] A ciência, através de suas variadas ramificações na mecânica, eletricidade, astronomia etc. entra tão intimamente em nossas vidas hoje, e estamos tão imersos nessa ciência, que nos tornamos inclinados a contar com essas novas invenções e descobertas [...] é nessas situações que novos romances encontram suas inspirações (GERNSBACK, 1926, p.3) ¹

Apesar de ser uma constatação tardia para a história da humanidade, a de que a tecnologia fundida ao cotidiano é inescapável, foi a partir daí que o termo “scientifiction” – três anos depois, transformado em “science fiction” – passou a prescrever as obras a serem produzidas e classificadas sob esse rótulo. Além do caráter educativo da FC previsto por Gernsback, encontramos a indicação de que essas obras devem lidar com a questão da ciência e da tecnologia e suas implicações na condição humana.

O termo “tecnologia” é fundamental aqui, pois ao falar do híbrido, tomo por base a noção de “ciborgue” de Donna Haraway e a noção de “híbrido” de Bernard Andrieu, ambas ancoradas na fusão entre o elemento técnico (ou tecnológico) e o elemento não técnico (que chamo de “carne”). Para Adam Roberts, crítico e historiador de FC, a força da definição do termo “tecnologia” vem do ensaio de Martin Heidegger “A Questão da Técnica”, de 1953, onde o filósofo coloca a tecnologia como um modo de conhecimento. (ROBERTS, 2005, p.11)

¹ “By “scientifiction” I mean [...] a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision [...] Science, through its various branches of mechanics, electricity, astronomy, etc., enters so intimately into all our lives today, and we are so much immersed in this science, that we have become rather prone to take new inventions and discoveries for granted [...] It is in these situations that the new romancers find their inspiration [...] Not only do these amazing tales make tremendously interesting reading – they are always instructive. They supply knowledge [...] in a very palatable form.” Tradução de minha responsabilidade.

Segundo Heidegger, a técnica é uma maneira de desabrigar (ou de “desencobrimento”, dependendo da tradução) que leva ao “correto de uma representação” (HEIDEGGER, 2007, pp. 379-81). Esse desencobrimento é aquilo que torna claro e conduz à liberdade e, portanto, a técnica é um instrumento de libertação. Ele expõe:

A liberdade domina o que é livre no sentido do que é focalizado, isto é, do que se descobre. A liberdade está num parentesco mais próximo e mais íntimo com o acontecimento do desabrigar, isto é, da verdade. Todo desabrigar pertence a um abrigar e ocultar. Mas o que está oculto e sempre se oculta é o que liberta, isto é o mistério. (Ibid., p. 388)

Para o filósofo, esse desabrigar – que vem através da “composição” (para Marco Aurélio Werle, o termo é “armação”; já para Adam Roberts serve o termo “enquadrar”²) – é o que dura na técnica, o que a torna vigente e, conseqüentemente, dá-lhe condição de destino, possibilitando ao homem “algo que ele propriamente não consegue a partir de si nem achar e muito menos fazer; pois algo como um homem, que unicamente é homem a partir de si, não existe” (Ibid., p. 393). Ou seja, uma das funções da técnica, por ser parte da história do homem – e nesse sentido afirmo acima que a constatação de Gernsback é de certa forma tardia no contexto da história humana –, é torná-lo humano.

Sendo assim, Heidegger alerta para a ambigüidade e não-neutralidade da técnica, demonstrando uma visão honesta da mesma como meio de potencialização da essência humana, seja ela demoníaca ou benfazeja. Penso essa “essência” como o conjunto das ações, intenções, modos de estar, fazer e tornar-se. Num paralelo com a ideia de máquina de Deleuze e Guattari, pode-se pensar a composição/armação/enquadramento como a máquina que se encaixa em outras máquinas, serve de caminho para os fluxos do devir funcionando para a contínua transformação dos conceitos e o aumento da potência humana.

É interessante notar que Deleuze e Guattari observam a ambigüidade da tecnologia na forma da máquina de guerra que, dizem, “não tem por si mesma a guerra por objeto, mas passa a tê-la, necessariamente quando se deixa apropriar pelo aparelho de estado” (1997, p.130). Ou seja, a tecnologia é considerada ambígua não no sentido de

2 No original “enframe” (ROBERTS, 2005, p.11)

possuir uma neutralidade atrelada a uma essência platônica, mas no sentido de que embora seja criada com uma função pré-definida, essa função somente passará a existir a partir do momento em que se fizer uso dessa tecnologia e esse uso for revelado criativo ou de morte. Morte que, neste caso, é tudo aquilo que para o fluxo e interrompe as conexões.

A conexão entre a carne e o elemento técnico

Para Bernard Andrieu, o termo “híbrido” se refere a uma experiência própria da imagem corporal modificada (ANDRIEU, 2007, p.32), uma experiência que hoje não é somente a do *handicap*, do monstruoso ou do enfermo, mas do ser humano em geral. Partindo da própria noção de *handicap*, Andrieu explica que todo dispositivo que modifica o corpo em sua materialidade inicial e seu funcionamento psicofisiológico constrói o híbrido (Ibid., p.33). Sendo assim, o híbrido é aquele ser biotecnológico que vive uma nova condição no mundo, reconhecendo-se como máquina conectada com outras máquinas, numa realidade baseada na exigência da velocidade e continuidade do fluxo.

O híbrido é, portanto, uma maneira de se relacionar com o mundo, através do elemento técnico introduzido no corpo, que cria uma autonomia própria onde as ideias de “natural” e “artificial” não têm lugar nem sentido. Para Andrieu, o *handicap* não tem tanta relação com a adaptabilidade quanto com essa maneira de estar no mundo, pois o termo não se refere somente ao indivíduo debilitado de certa forma em relação à maioria dos outros indivíduos. Na visão de Andrieu, o *handicap* é repensado como aquele que sofre no interior de seu corpo a intervenção de medicamentos, técnicas e máquinas (Ibid., p.33). Sendo assim, o híbrido é aquele que redefine seu esquema corporal pautado pela tecnologia que é agora parte essencial de sua constituição humana.

Já Donna Haraway, citada também por Andrieu, aponta a figura do ciborgue para definir esse híbrido. Como instrumento revolucionário, o ciborgue incorpora a máquina ao orgânico (Ibid., p.36); como organismo cibernético, o ciborgue é o híbrido resultado da fusão permanente (sem retorno) entre o orgânico (carne) e o não-orgânico (protético) em uma única realidade material. Redesenhado, reconfigurado, reapropriado concomitantemente por si mesmo e pelas novas tecnologias, o corpo se torna híbrido em sua subjetividade e em toda sua complexidade. A hibridação, portanto, produz um novo

corpo, inteiro em sua existência, e incorporação da tecnologia, “uma nova condição humana de um ser híbrido biotecnológico” (Ibid., p.38)

Donna Haraway, ao escrever seu “manifesto ciborgue” em 1983, falava sobre a transgressão de fronteiras e como ao final do século XX éramos, havia muito tempo, todos “quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo” (HARAWAY, 2000, p. 41), configuração que ainda perdura no início do século XXI. Segundo a autora, “a fronteira entre a ficção científica e a realidade social” é apenas “uma ilusão de ótica” (Ibid., p. 40). E aqui penso essa fronteira ilusória como a mesma que separa o híbrido do não-híbrido, pois não encontro esse não-híbrido na realidade social nem na FC, onde brotam narrativas como *Mindscan*, *The Accord*, *O Homem-máquina* e *The Silicon Mind*.

Essas obras são classificadas sob o modo “ficção científica” por lidarem com a ciência e a tecnologia dentro do campo estético da arte. São obras que dão conta dessa guerra de fronteiras apontada por Haraway nos anos 80, mas surgida muito antes e intensificada com o passar do tempo. Hoje, o corpo se torna um dos principais campos de batalha dessa guerra que se faz presente nas artes em geral, por ser uma guerra idealista, imagética e subjetiva. Com a literatura se passa dessa forma, e é possível encontrar obras que centralizam sua preocupação no híbrido, nas possibilidades encontradas pela tecnologia e na condição humana definida e guiada por ela.

O estatuto de híbrido vem da fusão entre o “elemento técnico” e a “carne”. Sendo assim, o termo “elemento técnico” utilizado aqui se refere ao àquilo que foi criado pela mão do homem, essa ideia de técnica que enquadra o humano, como pontua Heidegger; ao passo que o termo “carne” será usado para falar daquilo que é corpo em sua “materialidade inicial” (ANDRIEU, 2007, p.33), os tecidos que nasceram e têm continuidade, mesmo sendo substituídos periodicamente. Carne são os ossos, o sangue, a pele, os pelos, antes da intervenção da técnica, ou seja, carne é o corpo impossível. Aquele corpo que se encontra no imaginário, na ilusão de que existe uma natureza separada do artifício e da técnica; de uma pureza dos tecidos.

Entretanto, essa condição imaginária não o torna inexistente ou menos real, ao contrário, potencializa essa existência principalmente dentro do campo estético das artes. E assim, a tarefa de buscar o híbrido dentro da literatura de FC contemporânea concerne

e faz reverência a essa união da carne com o elemento técnico, em que o corpo impossível encontra outros impossíveis e faz seu papel no questionamento da técnica e do humano.

A ficção científica pontua a irreversibilidade do híbrido

Na obra *The Accord*, de Keith Brooke (2009), Noah é conhecido como o homem que construiu o paraíso, ou “The Accord”, um espaço virtual onde se pode continuar existindo após a morte do corpo orgânico. “Uma realidade construída a partir da massa de experiência humana, uma super-cidade da mente, uma realidade onde a humanidade poderia viver após a morte.” (BROOKE, 2009, p.9)³ Um espaço habitado por memória, onde o humano é informação e o corpo se torna, e se apresenta como, padrão computacional.

É assim que Noah e outras pessoas podem reviver na realidade virtual (RV), após terem feito *backups* periódicos de si mesmos em vida e, ao morrer na realidade não-virtual, são reativados dentro desse espaço para seguir sua existência, agora sem previsão de fim. Há nesse espaço de RV, um assassino que incorpora a ideia do híbrido em mais de uma forma: além de ser a fusão entre a memória gravada em vida (carne) e os padrões informáticos da RV (elemento técnico), esse assassino é feito da união entre várias outras pessoas, várias subjetividades sem que uma possa ser indicada como inicial.

Ao ser pego pelas autoridades fora da RV, suspeito de matar Jack Burnham, o próprio financiador do *Accord*, ele descobre sua natureza híbrida. Recorrendo a um poderoso hacker para resolver seu problema, ele pede:

“Preciso fazer meu upload para o netSPACE” [...] “Preciso rastrear meu original”

“Mas você é um construto, um amálgama. Você não tem original, é apenas um padrão, baseado num indivíduo que é, no máximo, na sua maior parte você” (Ibid., p.151)

3 Todas as traduções de *The Accord* neste trabalho são de minha responsabilidade.

Com consciência dessa condição de híbrido e com curiosidade de explorar essa “natureza” (no próprio sentido da palavra latina, qualidade “inata”, “essencial”) o hacker questiona:

“como é ser você, Sr. Assassino? Ser um homem de muitas partes. Partes de outros homens – e talvez mulheres, quem sabe? E módulos de [inteligência virtual], um mix, um remix.[...] como é ser algo novo, algo único, um dos primeiros do seu tipo?” (Ibid., p.151)

Nas falas do hacker é possível apreender o sentido do híbrido na obra, aquele ser que não tem original e não pode separar suas partes, muito embora também não seja possível retirar da memória o registro da carne, pois apesar de jamais ter sido pura no ciborgue, ela segue na base de sua existência. O ciborgue, aqui, une o corpo fora da RV aos os padrões informáticos da RV.

Já na obra *Mindscan*, de Robert Sawyer (2005), esse backup realizado em vida é implantado não na RV, mas num corpo androide antes da morte do usuário. O produto é vendido pela empresa Immortex, que promete a imortalidade através da tecnologia, num esforço parecido com o da primeira obra, mas com resultados diferentes: por uma quantia em dinheiro é possível realizar a transferência dos padrões cerebrais para um corpo novo, a escolher. Neste caso, o usuário não tem a morte de seu corpo orgânico, mas é prometida uma mudança de local, um corpo robótico “infinitamente sustentável, infinitamente reparável e infinitamente atualizável.” (SAWYER, 2005, p.14)⁴

É nesse corpo robótico que Jake Sullivan acorda após ter comprado o produto da Immortex, pois descobriu aos 40 anos ser portador de uma doença degenerativa. Jake reflete: “Eu sou um *Mindscan*, uma consciência transferida por *upload*, uma personalidade transferida e, embora tenha poucos indicadores externos de meu estado mental interno, sou ainda muito corporal.” (Ibid., p.94). Nesse momento, Jake percebe que não há mente sem corpo, que a forma é tão importante quanto o conteúdo e, embora ambos não sejam o mesmo elemento, são indissociáveis.

4 Todas as tradução de *Mindscan* neste trabalho são de minha responsabilidade

Nos primeiros momentos, após sua transferência, Jake aprende novamente a ter um corpo, como num renascimento. Entre as primeiras lições como ser híbrido, ele pondera sobre os aspectos sociais do corpo:

a biologia fornecia desculpas: tenho que comer, estou cansado, preciso ir ao banheiro. Tudo isso desapareceu [...] De fato, eu imaginava se a Immortex jamais adicionaria tais coisas. Afinal, quem realmente gostaria de ficar cansado? Era uma inconveniência na melhor das hipóteses; um perigo na pior. (Ibid., p.63)

E assim por diante, Jake precisa se readaptar a seu novo estatuto.

Desde o início, contudo, Jake entendeu o verdadeiro produto vendido pela Immortex: “Apesar de toda a [...] conversa sobre *transferir* consciência, a Immortex não podia realmente fazê-lo. No máximo, eles estavam *copiando* a consciência para um corpo máquina.” (Ibid., p.17) O corpo robótico passa agora a ser visto como um corpo híbrido, misturando os padrões cerebrais orgânicos com os padrões sintéticos robóticos em uma só entidade humana.

O Dr. Aman Kapoor, na obra *The Silicon Mind*, de Manikarninka Lagu (2008), também precisa aprender a ser um híbrido, embora não tenha consciência disso. Após ter sofrido um acidente e entrado em coma, é pego por um grupo de médicos para servir de cobaia na implantação de um chip neural. Os efeitos do chip são desconhecidos até que seja implantado no paciente, que acorda do coma sem desconfiar do secreto teste do qual se torna vítima. Neste caso, a carne e o elemento tecnológico entram em conflito, tão logo o chip passa a reconhecer seu ambiente hospedeiro, brincando de criar novos para o corpo onde se encontra.

A mente biológica de Aman estava pipocando. Enervada pela avalanche súbita de aflições à qual estava sendo exposta. Primeiro, queimaduras corporais frequentes. Então, uma modificação e um apagamento inesperado dos sinais enviados por seu centro de pensamento. E, por último, a perda inexplicável de energia que estava suportando. Criando caos no sistema mente-corpo sob seu controle. (LAGU, 2008, p.222)⁵

No caso do Dr. Aman Kapoor, a tecnologia visivelmente entra em guerra com o corpo, um corpo que reflete pouco sobre o quanto já era tecnologizado e híbrido antes da

5 Todas as tradução de *The Silicon Mind* neste trabalho são de minha responsabilidade

implantação do chip. Embora o termo “mente” seja usado na obra como sinônimo da palavra “cérebro”, é possível perceber que o corpo é conectado e não separado binariamente do “cérebro” ou da “mente” pois as aflições sofridas em decorrência da ação do chip atingem tanto a carne quanto a alma. A carne do Dr. Kapoor está sujeita aos comandos do chip, mas não inteiramente à sua mercê, visto que consegue utilizar aquilo que o narrador chama de “duas mentes” para se manter vivo.

Pouco antes da cirurgia de implantação do chip, os médicos discutem sobre a equiparação dessas duas mentes, admitindo que o corpo com sua resistência precisa permitir tornar-se um híbrido, dando vazão às suas linhas de fuga para não entrar em colapso e causar a morte das conexões necessárias. “Quão bem as duas inteligências vão se conectar?” questiona um dos médicos “o cérebro biológico de Aman e nosso cérebro eletrônico⁶ [...] Especialmente porque ambos são poderosos e extremamente diferentes.” (Ibid., p.26).

No andamento da história, de fato, as conexões entre as duas mentes se revelam conexões de morte, fazendo com que o corpo entre em colapso, e mostrando que para ser um híbrido, é preciso que o ciborgue seja integrado e não vítima do elemento técnico. O chip, ao iniciar a destruição do ambiente hospedeiro e, por consequência, a sua própria, deve ser removido, pois provou não saber compor o corpo e dessa maneira o híbrido não sobrevive.

Por outro lado, em *O homem-máquina*, de Max Barry (2011), o corpo escolhe seus componentes técnicos conscientemente. O engenheiro Charles Neumann sofre um acidente de trabalho em seu laboratório e tem a melhor prótese disponível no mercado colocada no lugar da perna que perdeu. Porém, essa prótese não se revela um elemento técnico à altura de sua carne, ou da “biologia”, como ele chama. Ao se questionar sobre o porquê de ter disponíveis próteses insuficientes para substituir partes do corpo, conclui que isso ocorre em razão de que a técnica, nesse caso, procura não superar mas meramente imitar a biologia e, afinal de contas,

6 No original: “e-brain”

[b]iologia não era o ideal. Se pararmos para pensar, pernas biológicas não podem fazer nada a não ser transmitir uma pequena massa de A a B [...] Isso não era sensacional. A única razão pela qual isso sequer era digno de nota era que as pernas faziam isso usando materiais brutos que elas próprias criavam. (BARRY, 2011, p.51)

Essa reflexão faz parte de uma série de pensamentos que levam o engenheiro, desejando aumentar sua potência corporal de ciborgue, repetir o acontecido no primeiro acidente e esmagar sua perna de carne e ossos, visando a utilizar o conjunto de próteses que projetou. Quando toma essa decisão, ele não está melhorando a carne, mas, unindo máquina e carne para melhorar o corpo. As próteses superpotentes fazem parte desse corpo, compondo o todo de um híbrido que diz “Eu decido quem sou. Eu escolho o limite das minhas capacidades. Serei definido não pelo que fizeram de mim, mas por aquilo que farei.” (Ibid., p.171) Ou seja, embora eu seja um híbrido irreversível, a escolha foi minha.

Assim, o espaço literário de ficção científica apontado aqui é povoado por ciborgues que não sonham com o corpo impossível representado pela pureza idealizada de uma natureza original. São seres que, como o homem híbrido da realidade social do espaço não-literário, não se preocupam com questões do tipo “é possível trocar a carne pelo elemento técnico?” e “o que aconteceria caso isso ocorresse?”, pois são questões ultrapassadas do ponto de vista da potência humana em sua atual condição de ciborgue.

Em conclusão a isso, penso que, embora o conceito de híbrido pensado aqui precise da ideia do não-híbrido para existir, essa necessidade é apenas inicial, pois se faz somente no momento em que as fronteiras entre ambos são desenhadas no território de batalhas do corpo. Nesse início, o híbrido é resultado daquele corpo impossível que assimila a tecnologia e se torna ciborgue, consciente da presença do elemento técnico e com a ilusão de que um dia foi “natural” e por isso pode prescindir da tecnologia. Entretanto, a partir dessa gênese conceitual, o híbrido passa a ter autonomia e independe da noção de não-híbrido, visto que agora tem sua existência no território fluido das conexões complementares e não mais no âmbito das dualidades opostas excludentes.

Nesse segundo estágio, o híbrido não se preocupa mais com seu oposto binário, pois sua existência é despreendida dele e a visão de si mesmo já parte do abandono de seu conceito. Contudo, a carne continua real, permanecendo no imaginário e nas

profundezas desse híbrido, onde ele guarda a potência daquilo que o criou: as linhas de fuga e a flecha do tempo. Em função da existência dessa carne, penso ser possível mapear, não somente na FC, mas nas manifestações estéticas em geral, os territórios onde emerge suas conexões, fusões e composições com o elemento técnico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERNSBACK, Hugo. “A new sort of magazine” in: *Amazing Stories*, New York, v.1, n.1, p.3, abr. 1926.

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica” in: *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. Tradução de Marco Aurélio Werle.

ANDRIEU, Bernard. “L’intégration des hybrides” in: *Pratiques sportives at handicaps*, Lyon: *Cronique Sociale*, 2007. Direção de Joël Gaillard.

HARAWAY, Donna J. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, in: *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Organização e tradução: Tomaz Tadeu da Silva

ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. Londres: Palgrave Macmillian, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. “Conclusão: Regras concretas e máquinas abstratas” in: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BARRY, Max. *Homem-máquina*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. Tradução de Fábio Fernandes.

LAGU, Manikarnika. *The Silicon Mind*. Bloomington: AuthorHouse, 2008.

BROOKE, Keith. *The Accord*. Nottingham: Solaris, 2009.

SAWYER, Robert J. *Mindscan*. New York: Tor, 2005.

SOBRE A AUTORA

Aline Amsberg de Almeida possui graduação em Letras pela ULBRA – Canoas (2007) e Mestrado em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2010). Atualmente é doutoranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Marcio Orlando Seligmann-Silva. Bolsista de doutorado do CNPq desde 2011.